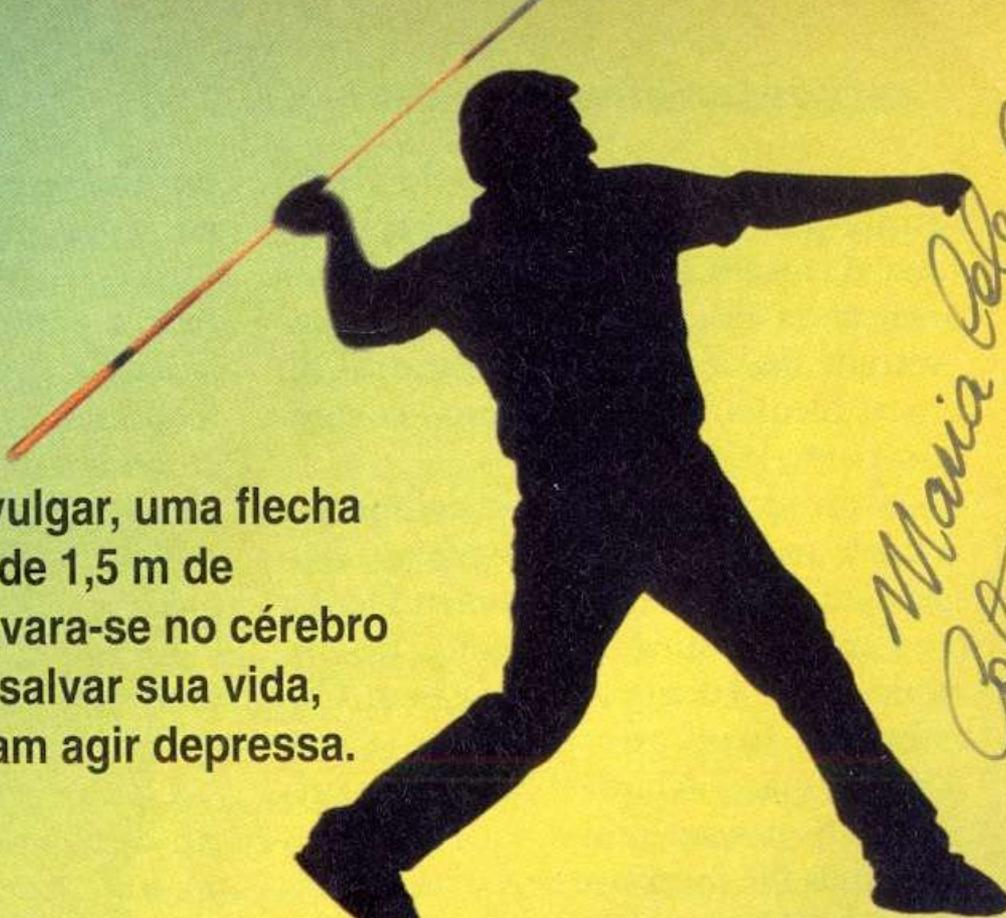


Num acidente invulgar, uma flecha de tiro com arco de 1,5 m de comprimento cravara-se no cérebro do menino. Para salvar sua vida, os pais precisavam agir depressa.



Mania Colete
Colun

SEM TEMPO PARA O MEDO

WILLIAM M. HENDRYX

LUANNA STEWART acenou para seu filho de 9 anos, Robin, que brincava com outras crianças num prado apinhado de gente. Pareciam estar a distância segura da arena improvisada onde se realizava o torneio anual de tiro com arco, na Reserva Indígena Crow, em Montana.

A esse campeonato, realizado desde o fim do século passado, concorrem diversos clãs de Crows que testam sua habilidade e estratégia. Os concorrentes usam flechas de 1,5 m de comprimento com penas estabilizadoras e munidas de uma ponta de ferro de 15 cm fixada no fuste de madeira e miram numa seta-alvo espetada no chão a cerca de 36,5 m.

Luanna, uma índia de tipo *mignon*, de 45 anos, não estava preo-

cupada com Robin. Seu marido, Marvin, de 57 anos, funcionário da reserva, era treinador da equipe de seu clã e ela sabia que ele havia instruído as crianças com medidas de segurança a tomar.

Mas de repente sua irmã gritou, chocada: «Meu Deus! É o Robin!», enquanto um silêncio pesado caía sobre a arena.

Olhando para o meio da multidão, Luanna viu Robin avançar lentamente para o pai, de cabeça inclinada para um dos lados. Olhando com mais atenção, percebeu que o menino tinha uma flecha de 1,5 m

na cabeça. A ponta de aço de 15 cm tinha penetrado no crânio bem acima da orelha direita, seguido uma trajetória descendente e acabara enterrada no cérebro do menino. «Oh, meu Deus!», gritou Luanna, correndo para ele.

Transida de medo, ela soluçava e rezava mentalmente: «Por favor, não leve meu filho. Por favor, meu Deus.»

Embora calmo até então, Robin, cujo nome tribal era Águia Bem Conhecida, ficou assustado com a reação da mãe. «Mamãe! Mamãe!», gritou, ao mesmo tempo que lágrimas profusas lhe jorravam dos olhos. «Vou ficar bom?»

Do ferimento não saía uma única gota de sangue. Marvin envolveu o rosto do filho com as mãos. Fitando-o bem nos olhos, disse-lhe suavemente: «Não chore, Robin. Você não deve chorar.» O menino parou imediatamente. O pai se voltou para a mulher e fez o mesmo pedido.

Ouviram-se então vários gritos vindos da multidão: «Arranque a flecha! Tire a flecha daí!»

Marvin ignorou a sugestão. «Vamos levá-lo para o carro», propôs.

Alguém abriu a porta traseira do lado direito do pequeno carro dos Stewart, enquanto Luanna entrava pela outra porta. Sempre segurando a cabeça de Robin, Marvin ajudou-o cuidadosamente a se sentar no banco de trás. Luanna puxou-o então suavemente para si. Mesmo assim, a flecha era comprida demais para caber naquele exíguo espaço.

Alguém passou rapidamente uma serra às mãos de Marvin, mas quan-

do este tentou cortar a haste de madeira da seta, Robin estremeceu de dores, e ele parou imediatamente. Abriu então a janela e, guiando o fuste da flecha através da abertura, fechou suavemente a porta. Voltou então a subir o vidro, apenas o suficiente para a seta repousar sobre ele.

Luanna correu para o volante. Espiou para trás, pelo retrovisor, mas logo desviou o olhar. O filho estava incrivelmente calmo, mas ela não suportava vê-lo assim.

O hospital mais próximo ficava em Sheridan, no Wyoming, mais de 64 km a sul do ponto onde se encontravam. Primeiro, tinham de atravessar 550 m de pasto acidentado. «Vá com calma», disse-lhe Marvin, que se sentara de lado no banco de trás, com a flecha apoiada em seu ombro e saindo pela janela. Suas mãos seguravam firme na frente e atrás da cabeça de Robin.

O irmão de Luanna, Robert Curtis Anda a Cavallo, um guarda-caça, ia abrindo caminho ao volante de sua picape, lentamente seguido por Luanna.

Assim que se viram na estrada plana, aceleraram o máximo em direção ao Sul. Robert, no carro da frente, pediu ajuda pelo rádio. No carro de trás, Marvin rezava em silêncio, sem diminuir a força com que segurava na cabeça do filho. Luanna lutava contra as lágrimas, consciente da alta velocidade a que ia e da concentração que isso exigia.

TRINTA E SETE quilômetros depois, foram saudados por luzes intermi-

tentes que avançavam para eles. Luanna parou seu carro no acostamento e logo diversos veículos de emergência o rodearam.

Depois de verificarem os sinais vi-



Radiografia da caixa craniana de Robin com a flecha que entrou pelo lado direito de sua cabeça, indo alojar-se no osso por trás de seu olho esquerdo.

tais de Robin, de lhe aplicarem soro na veia e de lhe darem oxigênio, os paramédicos chegaram à conclusão de que o mais prudente seria deixar o menino onde estava o resto da viagem até Sheridan. Enquanto isto, um patrulheiro transferia gasolina do tanque de sua viatura para o do carro de Luanna. Puseram-se novamente a caminho e só pararam na entrada da emergência do hospital, alguns minutos depois.

O primeiro obstáculo que enfrentaram foi tirar Robin do carro. Recorrendo a um par de grandes alicates de cortar parafusos, seccionaram a haste de madeira da flecha. Foram

necessárias duas tentativas, ambas pontuadas por um rápido «ai» do estóico pequeno, para conseguirem reduzir o projétil de 1,5 m a cerca de 25 cm, dos quais só cerca de metade eram visíveis.

Na ala de emergências, o raio X revelou a verdadeira extensão do ferimento de Robin. Seria neces-

sária a intervenção de um neurocirurgião extremamente capaz, e o mais próximo encontrava-se em Billings, estado de Montana, a 217 km de distância na direção de onde ti-

nham vindo. Robin teria de ir numa ambulância aérea, mas não havia lugar para a família dentro do pequeno avião.

Marvin e Luanna juntaram-se a Robert e, em sua picape, iniciaram a viagem para o Norte. Durante as duas horas que esta durou, não pararam de rezar em silêncio, percorrendo novamente os mesmos caminhos pelos sopés das montanhas do Sul de Montana. Por fim, as luzes de Billings apareceram no horizonte. «Graças a Deus», pensou Luanna, sentindo-se invadir por uma onda de esperança.

Ao entrarem no Centro Médico Deaconess, ficaram sabendo que Robin ainda não havia chegado, mas que era esperado a qualquer momento. Marvin e Luanna foram levados para uma sala onde lhes foi pedido que aguardassem. Às 12.30,

o menino estava lá, e às 14.30 a pequena sala de espera encontrava-se apinhada de familiares e amigos.

Quase uma hora depois, o médico de serviço informou ao grupo que a extração da seta exigiria um tratamento mais especializado: Robin teria de ser transferido para o Centro Médico Sueco de Englewood, no Colorado, perto de Denver, ou seja, 764 km a sul dali. Se Luanna e Marvin quisessem seguir no avião com o filho, poderia ser pedido um maior, mas isso implicaria num atraso de hora e meia.

Embora pouco faltasse para ter um colapso, Luanna recusou-se a ceder à dor. «Levem-no já», disse. Marvin e ela iriam pegar o próximo vôo comercial para Denver.

A NEUROCIRURGIÃ Dra. Cynthia Norrgran, de 42 anos, dormia em sua casa, em Denver, quando o telefone a despertou às 3 da manhã. Era ela quem estava nessa noite de serviço no Centro Médico Sueco para casos de traumatismo. Depois de ouvir as primeiras informações sobre o estado de Robin, as perguntas começaram a irromper em sua mente. «A hemorragia é grande? Ele está perdendo fluido da medula espinhal? Qual o percurso seguido pela flecha no interior do cérebro?»

Cerca das 6.30 da manhã, Robin, sob o efeito de sedativos e paralisado por drogas, foi conduzido numa maca para a sala de emergências. O relatório preliminar de Billings indicava a possibilidade de danos da zona cavernosa dos seios por onde

passa a carótida. Se esta tivesse sido atingida ou afetada, as complicações poderiam ser fatais.

Quando a Dra. Norrgran viu o menino, não conseguiu conter um arrepio.

Fez um rápido exame preliminar. Embora o olho esquerdo não respondesse aos estímulos, por mais espantoso que fosse, não havia sinais de sangue ou de fluido da medula em volta do ferimento de entrada. «Como é possível?», interrogava-se a médica.

Ao analisar o angiograma feito em Deaconess, ficou estupefata. Por ser neurocirurgiã, estava habilitada a introduzir uma sonda microscópica no cérebro, num local exatamente predefinido, com uma margem de erro de 1 mm. Pois o que estava vendo era uma flecha que, tendo sido atirada ao acaso, parecia ter sido guiada pela mão do mais experiente dos cirurgiões.

A ponta de aço tinha penetrado no crânio a uma profundidade de 10 cm. Havia entrado pela zona superior da têmpora, passado pelo lado direito do cérebro a poucos milímetros da artéria carótida direita, atravessado o espaço medial sem penetrar em nenhum dos dois vasos principais e, por fim, se detivera, empurrando a artéria carótida esquerda contra o osso por trás do olho esquerdo. Bastaria um desvio de 1 mm para que a criança tivesse morrido.

Era impossível saber se a carótida esquerda havia sido penetrada. Se assim fosse, Robin poderia sangrar

até a morte poucos segundos depois de a seta ser removida. A Dra. Norrgran telefonou então ao Dr. Gary VanderArk, presidente do Instituto Neurológico do Colorado, e pediu que fosse ajudá-la.

Às 8 da manhã, Robin foi levado para a sala de cirurgia. Tinham-se passado quase 12 horas desde o acidente.

NESSE momento, Luanna e Marvin, esgotados e desamparados, tomavam um vôo para Denver. Quando chegaram ao hospital, foram recebidos por familiares que viviam na zona. Os médicos comunicaram-lhes que a operação de Robin poderia demorar 12 horas. Os pais do menino e a família retiraram-se para uma sala de espera, para ali passarem esse tempo em oração.

Protegida pela bata azul esterilizada, a médica abriu o lado esquerdo do crânio de Robin e expôs seu cérebro. Erguendo-o, então, cuidadosamente, tentou localizar a carótida esquerda. Mesmo depois de tê-lo feito, foi-lhe impossível determinar se tinha ou não sido perfurada.

Só havia uma coisa a fazer: enquanto o Dr. VanderArk se mantinha vigilante e

pronto a colocar pinças na artéria se tivesse sido perfurada ou seccionada, a Dra. Norrgran iria extrair a seta, fazendo-a sair pelo mesmo caminho por onde tinha entrado. Suave, mas firmemente, prendeu-a com a palma e os dedos da mão direita, após o que firmou essa mão com a mão esquerda. «Está pronto?», perguntou, olhando para cima. Se a artéria tivesse sido atingida, o sangue não tardaria a espirrar.

Tentou então tirar a seta e nada aconteceu. A médica logo percebeu a razão: ela se tinha alojado no osso orbital, por trás do olho esquerdo de Robin, fato que tinha seguramente contribuído para salvar sua vida, pois havia impedido que ela tivesse se deslocado durante o transporte.

A doutora rodou ligeiramente o fuste da flecha e sentiu-o ceder. Então, num movimento lento e controlado, foi puxando a haste para fora. Espantosamente, uma única gota de sangue pingou do ferimento. A carótida estava intata! «Garoto de sorte», pensou ela.

As 11 da manhã, alguém bateu à porta da sala de espera. «Não é cedo demais para a operação ter acabado? Que terá acontecido?», perguntou-se Luanna, sentindo-se gelar de terror.



«Ele já saiu da sala de cirurgia», anunciou a enfermeira «Não houve nenhuma hemorragia grave.»

«Graças a Deus!», replicou Luanna.

Meia hora mais tarde, os Stewart foram conduzidos à UTI para verem o filho. «Temos de esperar que ele volte a si para sabermos se houve algum dano cerebral», explicou-lhes uma enfermeira. Mas, quando Luanna pegou na mão dele e a apertou, Robin respondeu à mãe fazendo o mesmo. Lágrimas de alegria inundaram os olhos de Luanna. Mar-

vin inclinou-se para o filho e murmurou-lhe em língua Crow: «Você vai sarar.»

SEMANA e meia depois, Robin e os pais apanharam um avião e voltaram para casa. Três dias mais tarde, o menino festejou seu décimo aniversário. Embora tivesse perdido a visão do olho esquerdo, essa fora a única seqüela do acidente. «Foi um milagre de Deus», afirma Marvin. «Não há outra explicação possível. E nós estamos profundamente gratos a Ele.»

© 1994 DE WILLIAM M. HENDRYX. «FAMILY CIRCLE» (28 DE JUNHO DE 1994), NOVA YORK. FOTOS: PÁGINA 31, © DE HARDIN PHOTO; PÁGINA 35, © DE TED WOOD/BLACK STAR. RADIOGRAFIA: CORTESIA DO INSTITUTO NEUROLÓGICO DO COLORADO

Comparativos superlativos

ELE É tão duro que parece que limpa os dentes com cordas de piano.

— Christopher Buckley

CAFÉ tão forte que era capaz de manter você acordado durante três dias depois de morrer.

— Marv Albert

ELE É tão honesto que se pode jogar damas com ele pelo telefone.

— H. Jackson Brown Jr.

UMA PELE tão bonita que faria os pêssegos lamentarem sua aparência.

— Bonnie Angelo, em *Time*

ELE É tão retorcido que podia esconder-se atrás de um saca-rolhas.

— Lane Kirkland

Não passa sem jardineiro

AO CONTRÁRIO do amor, a amizade pode ser revivida infinitamente. Num terreno fértil, acaba sempre por germinar. Mas tem que ser estimulada, cuidada como a planta rara que é, fertilizada com experiências comuns. Precisa de muito tempo e muita rega para crescer e transformar-se numa árvore que não pode ser derrubada.

— Fabien Gruhier, em *Le Nouvel Observateur*, Paris